



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ANDRESSA FRANCIELLI MARQUES DOS SANTOS

**UMA HISTÓRIA ECONÔMICA DA EVOLUÇÃO DO MERCADO DE
TRABALHO FEMININO**

Assis

2013



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

UMA HISTÓRIA ECONÔMICA DA EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FEMININO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial á obtenção do certificado de conclusão.

Orientador: Dr Reynaldo Campanatti

Orientando: Andressa Francielli M dos Santos

Assis

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, Andressa Francielli Marques.

Uma História econômica da evolução do mercado de trabalho feminino.

Andressa Francielli Marques dos Santos

FEMA: Fundação Educacional do Município de Assis - Assis, 2013.

65 p.

Orientadora: Prof^o. Dr.^o Reynaldo Campanatti

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Municipal de Ensino Superior de

Assis.

1. Evolução histórica da inserção da mulher na sociedade. 2. Inserção da mulher na sociedade brasileira. 3. A mulher e o mercado de trabalho na sociedade brasileira.

CDD: 658

Biblioteca da FEMA.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos e em especial o meu orientador Dr Reynaldo Campanatti, que tanto se dedicou a este trabalho, tanto nos momentos de alegria e distração, quanto nos momentos de aflição e ansiedade. As conquistas deste trabalho devem se a todos por me ajudarem e me compreenderem quando eu mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado essa oportunidade de me tornar uma profissional, agradeço também ao meu orientador Dr Reynaldo Campanatti e a todos que contribuíram para a minha formação. Lembrando também da importância que a minha mãe teve na minha formação, sem ela não teria conseguido.

Agradecimentos também aos meus queridos amigos de sala: Cristiane Oliveira, Cristiane Rodrigues, Ana Paula Moraes, Caroline Leme E Thiago Cunha, que em todos esses anos estavam ao meu lado.

Enfim agradeço a todos aqueles que diretamente ou indiretamente me ajudou a alcançar mais essa vitória em minha vida.

“Enquanto o homem e a mulher não se reconhecerem como semelhantes, enquanto não se respeitarem como pessoas em que ao ponto de vista social, político e econômico, não há a menor diferença, os seres humanos estarão condenados a não ver o que têm de melhor: a sua liberdade.”

Simone de Beauvoir (2009)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tratar os aspectos relacionados com a mulher e o mercado de trabalho.

Na esfera social e no contexto histórico, a mulher ocidental ocupava espaços e lugares diferentes do homem e era vista como ser doméstico e também como objeto sexual.

As mulheres exerciam apenas o papel de esposas, mães e donas de casa, enquanto o trabalho era função masculina, porém houve a necessidade da ajuda das mulheres na renda familiar.

Começou então a luta contra preconceitos e discriminações que, com muito sacrifício e força de vontade, se transformaram, aos poucos, em conquistas femininas.

A história nos mostra a discriminação que a sociedade impõe em relação ao trabalho das mulheres. Mesmo com leis garantindo o direito de igualdade a todos não é isso que vemos. Mas a luta diária pela conquista do seu espaço vem mostrando que mesmo com as desigualdades de gênero no trabalho, grandes vitórias foram alcançadas.

Apesar das desigualdades, a mulher tem ocupado o mercado de trabalho, mostrando que sua capacidade para atuar em qualquer função no trabalho, é exercida com a habilidade necessária.

A mudança pode ser notada por uma vez que as mulheres deixam de ser apenas cuidadoras de seus lares para entrar no mundo dos negócios.

Palavras – chaves: 1.Economia do trabalho, 2.Mercado de trabalho, 3.Trabalho feminino.

ABSTRACT

This work aims to address the issues related to women and the labor market.

In the social and historical context, Western women occupied different spaces and places of man and were considered to be domestic as well as sexual objects.

Women played only the role of wives, mothers and homemakers, while the work was male function, but it was necessary to help women in family income.

He then began to fight against prejudice and racism, with great sacrifice and willpower, turned slowly in female conquests.

History shows discrimination that society imposes in relation to women's work. Even with laws guaranteeing the right to equality for all is not what we see. But the daily struggle for the conquest of their space has shown that even with gender inequalities at work, major victories were achieved.

Despite the inequalities, the woman has occupied the labor market, showing their ability to work in any job function is exercised with the necessary skill.

The change can be noticed once that women are not merely caretakers of their homes and into the world of business.

Key - words: 1.Economia work, 2.Electronic work, 3.Trabalho female.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Foto / Mão na massa

Figura 2: Foto / Ser pintora é muito melhor do que esfregar o chão da casa dos outros

Figura 3: Foto / Valdinéia Tofani

Figura 4: Foto / Suzana Garga

Figura 5: Foto / Algumas das motoristas da empresa Viação Mimo

Figura 6: Foto / Graça Foster – Diretora de Gás e energia da Petrobrás

Figura 7: Foto / Luiza Trajano Diretora Presidente do Magazine Luiza

Figura 8: Foto / Adriana Machado Presidente & CEO da GE Brasil

Figura 9: Foto / Dilma Rousseff – Presidente da República do Brasil

Figura 10: Quadros Média Salarial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA INSERÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE	12
2.1 A Mulher e a religião.....	21
2.2 A mulher e a educação.....	24
2.3 A mulher e a política	27
3. INSERÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	28
3.1 Mulheres de destaque na sociedade.....	21
3.2 Conquistas das mulheres feministas.....	35
4. A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL	40
4.1 A Mulher inovadora.....	43
4.2 Conquista da mulher no mercado de trabalho	45
4.3 A Mulher na construção civil.....	49
4.4 Mulheres na direção	52
4.5 Grandes mulheres que fizeram história no Brasil.....	56
4.6 Diferenças salariais entre ambos os sexos	51
5. CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

O trabalho relata sobre a evolução histórica da mulher perante a sociedade. A história mostra como aconteceu este avanço e quais lutas aconteceram para que as mulheres conseguissem chegar ao seu objetivo, um espaço de igualdade entre sexos na visão da sociedade.

A sociedade entendia que o papel da mulher era somente cuidar dos filhos, de suas casas, sua função era realizada em favor somente do cuidado com a família. A criação das mulheres foi marcada pela educação feita através dos bons costumes que a sociedade acreditava que era o seu papel, a domesticação.

O trabalho foi subdividido em três capítulos, sendo que no primeiro aborda – se a questão histórica da mulher na sociedade, conta como tudo inicio desde que a mulher ocupa espaço e lugares diferentes do homem, e era vista somente como ser doméstico e também como objeto sexual. A mulher foi quem estabeleceu o início das aldeias, com as confecções de vasos, jarras e celeiros. A atividade de trabalho das mulheres eram cuidar de seus filhos, ajudar na lavoura e serem submissas as seus maridos, foi assim que a mulher aos poucos começou a traçar o seu caminho na sociedade.

No segundo capítulo discuti-se a questão da mulher na sociedade brasileira, que entendia que o papel da mulher também era cuidar dos filhos e de seus lares. Mas a vontade de conquistar o seu espaço era algo irrevogável, foi ai que deu inicio as lutas das feministas.

Finalmente no terceiro capítulo desenvolve-se a questão da mulher no mercado de trabalho. Desde o inicio do processo da inserção da mulher no mercado de trabalho ela vem enfrentando preconceitos, discriminações e desafios. Devido a isso, muitas batalhas foram traçadas e as mulheres lutam até hoje por direitos de igualdade. Mas depois de uma longa caminhada para a conquista do seu espaço, mulheres de fibra vêm trilhando o seu caminho para o sucesso. Exemplos de mulheres batalhadoras serão citados, a sociedade pode se deparar com avanço na história em relação às mulheres, e a cada dia poderá se ouvir que mulheres estão alcançando seu objetivo perante a sociedade.

2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA INSERÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE.

Na esfera social e no contexto histórico, ao longo tempo, a mulher ocidental ocupa espaço e lugares diferentes do homem e continua sendo vista como ser doméstico e também como objeto sexual.

A repressão do sexo feminino presente na atualidade nos leva a crer que esteja ligada a ideia da força física masculina e contraposição a forma como foi interpretada a “fragilidade” física feminina e sua condição reprodutora da espécie humana.

É provável que historicamente se teorizasse a incapacidade racional e profissional da mulher no período Paleolítico, em que o homem tinha o maior vigor físico para a caça, e a mulher era mais apropriada para o criação dos filhos e coleta de alimentos. (MELO, p.53, 2001).

Apesar desta explicação histórica nos decorreres dos tempos à mulher foi deixada a um segundo plano, enquanto o homem era o início protagonista da história.

[...] Nesse sentido o determinismo biológico seria o definidor das desigualdades entre mulheres e homens, tendo a medicina e a ciências biológicas como importante aliada, que durante muito tempo, subsidiavam as normas sociais quanto às relações de gênero. (VIANA & RIDENTI, 1998 p.97)

Na busca do fortalecimento da essência feminina na sociedade e no conhecimento aos aspectos históricos que permaneceram a evolução a mulher ao longo dos

tempos. Vem conferindo na sociedade o modelo criado pelos homens. Já que exerce esse papel que não escolheu.

Os estudos acerca de formas primitivas na sociedade humana são contraditórios, pois dois trabalhos eram confiados às mulheres, remetendo período histórico a angústia vivida pela mulher serviçal de uma propriedade rural, vítima de seu corpo que precedeu o da agricultura.

Os homens conservavam suas mãos afins de que se houvesse alguma invasão de pessoas ou animais, eles pudessem se defender. O seu papel exigia mais vigor, assim a mulher era considerada um sexo frágil, com isso era marginalizada em relação à hierarquia social. Suas principais funções eram: cuidar do lar, trabalhar na coleta e no cultivo de produtos agrícolas.

Segundo as narrativas de Herodoto, as descrições relativas às amazonas do Dniepr e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu mulheres tomarem parte em guerras sangrentas. Mostravam nestas ocasiões a mesma coragem e a mesma crueldade que os homens. Citam – se algumas que mordiam ferozmente o fígado de seus inimigos. Apesar de tudo, é provável que, então como hoje os homens tivessem o privilégio da força física. (BEAUVOIR, 1980, p.82)

Mesmo tais crenças demonstrando a aceitação e submissão imposta pelos homens, tornando uma divisão ilusória no mundo de forma bipolar, o homem também se encontra em uma situação igual sendo afligido a uma posição hierárquica marginalizada na sociedade.

As mulheres normais quando engravidavam ou ocorria o fluxo da menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e ficavam condenadas a longos períodos de impotência. Dessa forma ela suporta passivamente seu destino biológico.

A atividade agrícola representou a ligação entre a gestação da mulher e o preparo da terra. A relação que Mumford 1998 estabelece entre esses dois processos é

importante para que se estabeleça o poder das mulheres sobre o grupo, com isso se estabelece as comunidades (famílias).

De acordo com Mumford 1998, a revolução agrícola aconteceu antes da revolução sexual, com isso coloca a mulher na direção do grupo.

A atividade agrícola exigia manejo nos cuidados com as plantas, “sensibilidade”. O mesmo cuidado o autor estabelece com as mulheres, pois já estavam acostumadas a cuidar de seus filhos.

Mumford 1998 relaciona a maternidade, que somente pode ser exercida pelas mulheres, com a prática agrícola.

[...] mais passiva, presa aos filhos, reduzida nos seus movimentos ao ritmo de uma criança, guardando e alimentando toda a sorte rebentos, inclusive, ocasionalmente, pequenos mamíferos lactantes, se a mãe destes morria, plantando sementes e vigiando as mudas, talvez primeiro num ritmo de fertilidade, antes que o crescimento e multiplicação das sementes sugerisse uma nova possibilidade de se aumentar a safra de alimentos. (MUMFORD, 1998, p.18)

Na atividade agrícola o papel do homem era de caçador, já o das mulheres era com o preparo da terra e com os cuidados com as plantas, sendo assim eram responsáveis por suprir as necessidades básicas do grupo.

De acordo com Mumford 1998 o papel da mulher é imprescindível na organização sociopolítica, é ela quem começa a estabelecer a história da humanidade.

A mulher é quem estabelece o início das aldeias, com as confecções de vasos, jarras celeiros. As obras da cultura material que podem ser aldeia, ou até mesmo a cidade, possuem o significado de “mãe”, que cuida, protege, alimenta e educa.

Com o passar do tempo a situação das aldeias fica mais tranquila, as necessidades com a alimentação passam a ser supridas, com isso os homens que exerciam a função de caçadores foram impedidos de caçar.

[...] foi impedido para fora das áreas agrícolas, pois a caça miúda que ali fosse impossível encontrar sua captura ou caçada pelos aldeões. Com a agricultura [incipiente no período paleolítico] reduziram – se as oportunidades do caçador. (MUMFORD, 1998, p.29)

Após esses acontecimentos o homem passa a comandar as aldeias e não necessitam mais das mulheres para fazer o arado da terra e nem para o comando do grupo é a que surge os novos tempos, novas funções e outras hierarquias.

Com isso a mulher perde definitivamente o seu poder para o homem, nessa nova sociedade as relações de poder são exclusivamente masculinas.

As mulheres eram consideradas propriedade do homem, com isso dá-se alguns direitos a ele quando se tornam maridos, como por exemplo: devolver a esposa caso ela não seja mais virgem, em caso de adultério poderia mata-la , isso seria um direito legal que os maridos possuíam em relação as suas esposas. Em casos de violência sexual, somente era punido o agressor se comprovado o tal ato, e isso fosse impeditivo para a mulher de se casar.

A mulher era julgada com a condição de “virgem”, que possibilitava a ela ser escolhida por um homem para ser esposa. O preconceito e a discriminação em relação à mulher era algo que a sociedade impunha de forma à desvaloriza – la.

A monogamia também era um dos fatores de bastante relevância perante a sociedade, tinha como pretensão assegurar os direitos do homem sobre a propriedade “mulher”, para isso passa a exigir a [...] fidelidade da mulher e, por consequente, a paternidade dos filhos, aquela é entregue, sem reservas, ao poder

do homem: quando este mata, não faz mais do que exercer o seu direito. (ENGELS, 2000, p.62)

Já o homem era considerado o direito a infidelidade, quanto mais à sociedade se desenvolvesse, mais forte ficava o direito dos homens a exercerem a monogamia familiar.

Na idade média eram usados para as mulheres que praticavam a monogamia, eram usados os cintos de castidades, que era um sinto que usado sobre o ventre que envolvia os órgãos genitais, trancado ao redor da cintura por cadeado a fim de impedir qualquer tipo de relação sexual. Os homens eram livres para desfrutar se qualquer que fosse o ato de quem quiser possuir outras mulheres que não fossem suas esposas.

A monogamia foi pensada com a finalidade de consolidar o poder masculino na sociedade, poder que iniciou no ambiente familiar, estendendo-se para o ambiente público. A monogamia surgiu como forma de reconciliação entre o homem e a mulher, nem [...] como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge como forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos. (ENGELS, 2000, p.70)

Os homens possuíam dois bens, os escravos, considerados como bens do senhor, e a mulher que representava sua riqueza. Os escravos aumentavam suas riquezas por intermédio do trabalho, a mulher como parideira, que dava a luz a novas forças para o seu senhor.

A mulher até o século XX não tinha autonomia na sociedade masculina, estava atrelado ao poder masculino, a mulher era considerada incapaz e inferior pela sociedade masculina.

Após a sociedade se tornar monogâmica esta instaurado o poder masculino sobre as mulheres, tendo o Estado como aliado, que a Ge em favor da classe dominante.

Para Engels 2000, em todos os períodos históricos o Estado é tão masculino, que a sociedade civilizada, o homem, mesmo depois de morto, tem poder de determinação sobre os bens, é o caso do testamento.

Mesmo as mulheres não tendo o poder de fazer escolhas cabiam a elas a fazer o que seus maridos exigissem.

Em relação ao trabalho fora de suas casas, as mulheres detêm dessa vantagem quando por ventura os seus maridos necessitassem ou até mesmo exigiam que elas trabalhassem. Além de trabalharem em suas casas em seus serviços domésticos o trabalho também era realizado na agricultura. Esses trabalhos eram visto como exploração das mulheres, pois estavam obrigadas a trabalharem fora de suas casas.

De acordo com Marx 1980, ele afirma que o capital eleva a separação entre produção e reprodução da vida, e determina as funções da mulher; destina a elas atividades ligadas a reprodução da força de trabalho que, de início, realiza – se dentro do espaço doméstico, e quando essas possuem a possibilidade de trabalho fora do ambiente doméstico, o capital as insere em um grau elevado de exploração. O capitalismo instaurou uma nova forma de exploração sobre a mulher, o trabalho fora de casa, ou seja, a exploração sobre a força de trabalho.

O capitalismo, segundo Marx, se configurou plenamente a partir do século XVIII (apesar da sua origem ser anterior), quando ocorre a Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra, dali se propagou para outros países. Sua essência era a busca do capital, pelo qual a burguesia a classe social dominante- concentra o poder. Nessa busca, esse sistema econômico não vê nenhum impedimento político, moral ou ético para expropriar o trabalhador de todos os seus atributos humanos. Marx afirma que no processo de produção capitalista, o homem se aliena, tornando-se mera peça de engrenagem produtiva. Ele não é mais dono dos seus instrumentos de trabalho, o ritmo de produção não é imposto por ele e tampouco domina o processo produtivo, ou seja, a divisão do trabalho. A principal consequência desse processo é que o trabalhador não se reconhece no produto que fez, e assim perde a sua identidade enquanto sujeito.

As mulheres já eram exploradas pelos seus maridos, com o sistema capitalista em vigor, elas também passam a ser exploradas pelos donos de meios de produção, lembrando que tudo era feito com o consentimento do Estado.

A mulher aos poucos foi iniciando o seu trabalho fora de suas casas, sendo sujeitadas a qualquer tipo de exploração e discriminação com relação ao gênero.

De acordo com Engels, a única forma de emancipação da mulher é inseri-la no processo de trabalho produtivo, com os mesmos direitos do homem, tanto em função quanto em valores pelo trabalho.

Com o capitalismo as mulheres deixaram de trabalhar no campo, para trabalhar nas fábricas, mesmo assim se concentravam em situações de opressão em relação ao trabalho assalariado.

A revolução industrial proporcionou as mulheres o trabalho com maquinários nas fábricas, mas não se pode negar que o poder ainda estava nas mãos dos homens pela dominação social.

O trabalho era exercido pelas mulheres, muitas vezes era a mesma função exercida pelos homens, embora houvesse diferenciação nas remunerações, também eram submetidas a extensas cargas horárias de trabalho.

Com o passar a discriminação era mais constante, perante as mulheres, e assim iniciaram as revoltas em consequência da luta pelos direitos das mulheres.

Argumentos de Machado, Oliveira e Wajmman (2005.p.27) em relação as remunerações por sexo.

[...] se a escolaridade feminina é em média, superior a masculina, as razões para o persistente de rendimentos em favor dos homens, devem ser buscadas nas possíveis diferenças entre formas de inserção e também nas práticas discriminatórias que valorizam diferentemente homens e mulheres igualmente produtivos.

Após esses períodos históricos a mulher encontra – se em uma situação a lutar contra as discriminações e conquistar os seus direitos perante a sociedade.

No que se refere especificamente à história de lutas e conquistas, em nível mundial, Santos (2002) destaca as seguintes datas:

8 de março – Dia Internacional da Mulher: É uma das datas mais importantes, pois neste dia, no ano de 1857, as operárias da fábrica têxtil Cotton, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, fizeram uma greve, em protesto contra uma jornada diária de 16 horas e baixos salários. Como resposta à manifestação, os patrões mandaram incendiar o prédio e 129 mulheres morreram queimadas.

19 de abril – Dia do Índio: As mulheres indígenas são ainda mais vítimas da discriminação e sofrem preconceito de gênero e raça, bem como opressão. A data foi escolhida em 1940, durante o 1º Congresso Indigenista Interamericano, na cidade de Patzcuaro, no México. O Brasil adotou a data em 1943.

25 de abril – Dia Latino-Americano da Mulher Negra: Assim como as índias, as negras também enfrentam discriminação de gênero, raça e opressão. As comemorações pelo Dia Latino-americano da Mulher Negra podem incorporar também o 21 de março, Dia Internacional contra a Discriminação Racial, instituído pela ONU, em razão do massacre de 70 jovens negros em Sharpeville, na África do Sul (1960).

27 de abril – Dia da Empregada Doméstica: As empregadas domésticas enfrentam o preconceito de gênero e o social. Faz-se necessário reconhecer o trabalho dessas mulheres, que não é valorizado por ser realizado dentro de casa.

28 de maio – Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher: As questões relacionadas à saúde das mulheres foram discutidas por especialistas do mundo inteiro em 1987, na Costa Rica, durante o V Encontro Internacional Mulher e Saúde. Após esse evento, foi decidido que o dia 28 de março marcaria a urgência de ações em favor da saúde feminina.

05 de junho – Dia Mundial da Ecologia e do Meio Ambiente: Este dia também pode ser comemorado sob uma perspectiva feminina, haja vista que são as mulheres que mais preservam o meio ambiente, ao praticar formas menos ofensivas de manipulação da terra, como a agricultura familiar, por exemplo.

15 de outubro – Dia Internacional da Trabalhadora Rural: Não se pode perder a oportunidade de celebrar as conquistas já obtidas e nem de cobrar mais ações promotoras da igualdade de gênero no campo. Nesse dia, deve-se destacar a

importância das mulheres rurais na agricultura, na segurança alimentar e no desenvolvimento da zona rural.

25 de novembro – Dia Mundial de Combate à Violência Contra a Mulher: Em 25 de novembro de 1960, duas irmãs foram brutalmente assassinadas na República Dominicana, durante o regime do ditador Trujillo. Desde 1981, o dia é usado, em vários países, como alerta para a necessidade de combater a violência contra as mulheres. Para marcar a data, é importante promover discussões sobre o tema.

01 de dezembro – Dia Mundial de Combate à Aids: As estatísticas mostram que as mulheres são as maiores vítimas da AIDS. A cada ano, vinte mil pessoas são contaminadas no Brasil. Em 1987, a relação era de 16 homens com a doença para cada mulher. Já em 2002, a proporção é de 2 para 1. E neste contexto, a importância dada à saúde da mulher vem crescendo nos últimos anos, com o surgimento de redes governamentais e não governamentais específicas que trabalham para melhorar a qualidade do atendimento prestado.

10 de dezembro – Declaração Universal dos Direitos Humanos: Somente a partir de 1948, os homens e as mulheres passaram a ser considerados como titulares de direitos individuais e sociais. A Declaração provocou reação imediata por parte de grupos de mulheres e uma verdadeira luta foi empreendida. As primeiras datam já no início da década de 50, mas os avanços mais significativos só viriam a partir da década de 70, com a realização dos ciclos de conferências mundiais sobre os direitos das mulheres.

Da Região Norte (Amazonas, Pará, Maranhão, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima) e, conjuntamente, discutir os assuntos que estavam sendo estudados no meio acadêmico em torno da questão da mulher. Já em abril de 1996, ocorreu o II Encontro Amazônico sobre Mulher e Relações de Gênero, organizado mais uma vez pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes (GEPEN) e Rede Regional Norte-Nordeste de Núcleos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). A proposta em discussão que tinha como título “Mulher e Modernidade na Amazônia” foi apontar os dilemas da modernidade em cujo contexto emergiram as questões da desigualdade de gênero, embutidas nas denúncias dos movimentos feministas organizados nas lutas pela conquista da cidadania da mulher.

Passando por questões que obliteravam a visibilidade do sujeito político mulher na construção da sociedade, utilizando-se das teorias explicativas das Ciências Sociais.

Por meio destas teorias, denunciou-se o processo de desigualdade e opressão que subordinava as mulheres a estereótipos desvalorizadores e de justificação das desigualdades sociais sofridas milenarmente. De um tempo de exclusão, em que as explicações sobre as diferenças de gênero para definir as hierarquias sociais e históricas determinando comportamentos e práticas sexistas, saltou-se para um tempo de denúncias a essa exclusão e à perspectiva de dar visibilidade ao sujeito, que é a mulher.

A história da mulher no contexto da modernidade na Amazônia pode ser contada de várias formas, evidenciando-se através destas, os traços de exploração, de violência e espoliação, de conquistas e de dominação sócio-político-econômico e cultural. Neste contexto, entrelaçam-se sucessos de fatos e conquistas nas linhas escritas pela historiografia regional. E neste cenário, as mulheres estão circunscritas em uma hierarquia de gênero, de classe e de etnia. Logo, faz-se necessário conhecer o “outro lado” da história oficial, que aponta para as rupturas com o essencialismo de figuras masculinas, brancas e burguesas, evidenciando-se, com isso, múltiplas dimensões da realidade amazônica, onde convivem homens e mulheres constituindo, através de suas experiências e práticas, um cotidiano rico e diferenciado, marcando, com isso, a diversidade e deixando de estimular a complementaridade.

De pouco em pouco as mulheres foram conquistando o seu espaço na sociedade, sempre lutando contra os preconceitos que existiam e ainda existem.

2.1 A mulher e a religião

Weber afirma que a admissão de mulheres com participação mais ativa ou passiva depende do grau de pacificação da sociedade; onde domina uma educação militar a mulher é religiosamente inferior.

Por toda parte onde domina ou dominou uma educação militar ascética, com o seu “renascimento” do herói, a mulher é considerada carente de uma alma superior, heróica, por isso, religiosamente desclassificada. É o que ocorre na maioria das comunidades de culto nobre ou especificadamente militares. (WEBER, 2001, p.334)

Na Roma antiga as mulheres eram consideradas como naturalmente inferiores e, portanto, deveriam ser excluídas das funções públicas e administrativas, e isso incluía também o exercício religioso. Em Bizâncio, por exemplo, a mulher não podia exercer os ofícios religiosos e nem mesmo falar em lugares de culto, pelo contrário, deveria permanecer reclusa ao ambiente doméstico.

Weber salienta ainda que a existência de sacerdotisas, a veneração de adivinhas ou feiticeiras não significa uma equiparação das mulheres no culto, e mesmo que haja uma igualdade entre homens e mulheres na relação com o divino, essa igualdade pode ser combinada com uma monopolização dos homens na função sacerdotal, como ocorre no cristianismo.

Somente os homens poderiam exercer a função de sacerdotes da igreja, mesmo o cristianismo equiparando as mulheres para tal ato, quando regulamentou essas afirmações, pode verificar que isso não aconteceu.

A grande suscetibilidade das mulheres para toda profecia religiosa não exclusivamente orientada por ideias militares ou políticas destaca-se claramente nas relações livres de preconceitos de quase todos os profetas, tanto de Buda quanto de Cristo ou Pitágoras. Mas dificilmente esta se conserva além daquela primeira época da congregação, na qual os carismas baseados na inspiração sagrada são apreciados como característica de uma elevação religiosa específica. Em seguida, com a cotidianização e regulamentação das relações congregacionais, tomam-se sempre atitudes contra os fenômenos inspiracionais, considerados contrários à ordem e mórbidos nas mulheres. (WEBER, 2001, p.333).

As mulheres detinham de um poder “mágico” perante a igreja católica, conhecido como “benzeção” ou benzedura, esse ato não era aceito pela igreja, pois dizia que somente os sacerdotes eram dotados do poder de dar as benções. Vale ressaltar que vários fies acreditavam na benzedura quando por algum motivo necessitavam.

Essa realidade leva as mulheres benzedoras a atuarem na clandestinidade. Embora participantes da Igreja Católica tradicional, em suas casas realizam suas orações “conjugando a força das rezas, o segredo das ervas e os gestos de conjuração” Pierucci (2001).

Pode-se observar que, apesar de uma maior participação feminina e um discurso de igualdade, muito ainda permanece da cultura patriarcal, nas igrejas. O masculino ainda é visto como uma síntese do poder, da força e da justiça enquanto o feminino é visto como síntese da fraqueza humana e do mal.

Na verdade a religião não é um processo de evolução de uma determinada cultura, mas a dominação de uma pela outra. As religiões criadas servem para garantir os padrões morais exercidos pela cultura das sociedades hegemônicas. As religiões predominantes em quase todo o mundo derivam dos mitos babilônicos que, por sua vez, advêm de processos de evolução de crenças e morais sociais de um lugar específico.

Os direitos e deveres das mulheres na religião eram estipulados de acordo com cada crença e pelo seu país.

Qualquer religião exerce, na população que pratica a sua fé, uma forte influência no comportamento. No Irã, por exemplo, regido por uma ditadura religiosa, as mulheres não podem usar batom, não podem viajar pelo país sem a companhia do marido ou do pai, nos ônibus urbanos devem se sentar nos bancos dos fundos e jamais pode entrar num carro com um homem que não seja o seu marido. Além disso:

"(...) um manto negro, o xador, que vai até os pés e esconde os braços e o pescoço. A cabeça deve estar coberta porque, segundo os islâmicos radicais, os cabelos femininos têm um brilho que tenta os homens.
(...) Nos tribunais, a palavra de uma mulher vale menos do que a de um

homem. No Irã, portanto, não existem juízas. Os guardiães da moralidade dizem que as mulheres são desqualificadas para tal função: em sua opinião, elas são muito emotivas" (MULHERES, 1992, 40).

O Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, escrito por Maomé e atribuído pelo profeta ao próprio Deus, faz as seguintes referências à condição feminina:

Capítulo IV. Versículo 11 - "Dai aos varões o dobro do que dai às mulheres".

Capítulo IV. Versículo 38 - "Os homens são superiores às mulheres, porque Deus lhes outorgou a primazia sobre elas. Os maridos que sofrerem desobediências de suas esposas podem castigá-las: deixá-las sós em seus leitos, e até bater nelas".

Capítulo XXIV. Versículo 59 - (...) "Não se legou ao homem calamidade alguma maior do que a mulher" (ALCORÃO apud LOI, 1988, p. 17-18).

No mundo todo há várias religiões e cada uma delas é exercida conforme as suas escrituras, é a mulher muitas das vezes se encontra em um patamar bem inferior aos homens, que ainda detém de um poder maior em relação à religião.

2.2 A mulher e a educação

A educação feminina é um fenômeno recente na história. Durante séculos, a mulher foi retratada, de modo geral, a uma situação de subordinação e dependência do pai e do marido, como objeto sexual do homem, colonizador e proprietário.

Dentro de casa, as mulheres recebiam instruções de suas mães, escravas, avós, governantas e tias, tais como: bordar, cozinhar, costurar e outros afazeres, em sua maioria ligada ao cotidiano doméstico.

Desta forma, por um longo período, dedicaram-se a um espaço privado, conseqüentemente estiveram afastadas de uma educação formal.

De acordo com Aries a ausência feminina pode ser explicada pela exclusão da mulher no processo educativo pelo até o século XVII, quase dois séculos de diferença em relação aos homens.

A partir do século XX, diante do contexto de construção de um novo estado republicano, encontramos, por entre as ambigüidades existentes entre o espaço público e o espaço privado, a ideia de civilização e educação, que se expandia por todo mundo sob a forma de progresso técnico e científico.

O autor Degaldo também relata que a educação se restringiu as boas maneiras e prendas domésticas.

As diferenças entre homens e mulheres foram historicamente transformadas em desigualdades sociais à medida que, em diferentes sociedades e períodos históricos, múltiplos discursos e práticas forjaram a submissão feminina e a dominação patriarcal. As relações de gênero, em diferentes imbricações com as relações de raça e relações de classe, têm constituído e organizado as sociedades. (DELGADO, 1998, p.15)

Com a chegada do capitalismo industrial, sua expansão, e o processo de urbanização no regime imperial, que a escola, passa a contribuir como agente produtor e reproduzidor social, visando fortalecer as práticas culturais, que interessavam as elites dominantes. Foi no final Regime Imperial, com a intenção de dar satisfação à sociedade, que as mulheres alcançam o direito, da obter educação formal, através do sistema educacional.

Mesmo com o direito à educação as mulheres eram sujeitas a se limitar de acordo com os seus direitos. Somente o homem poderia se beneficiar da educação sem restrições.

A educação das mulheres era incompleta, pois acreditavam que as meninas/mulheres não possuíam capacidade intelectual para um aprendizado mais profundo. Moacir destaca o art. 7º, do decreto imperial, dedica-se exclusivamente ao ensino feminino. O qual era contextualizado da seguinte forma:

Serão nomeadas mestras de meninas, e admitidas a exame, na forma do art. 3º, para cidade, vilas e lugares mais populoso, em que o presidente em conselho, julgar necessário esse estabelecimento, aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimento se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de cozer e bordar (MOACIR, 1939, p. 66).

Nas últimas décadas do século XIX, que as mulheres começam a estudar em escolas normais, o método de ensino era o modelo francês que era visto como um ensino falho.

Não são escolas que nos faltam, mas professores. É preciso que o magistério público, não seja um arranjo, para que estiver desempregado, mas uma profissão honrosa. Antes poucas escolas e bem providas, do que muitas com professores que não são dignos dessa missão. (MOACIR, 1939, P.187-188).

Podemos analisar que no decorrer da história o problema enfrentado em relação às mulheres sempre foi à desigualdade entre os gêneros.

2.3 A mulher e a política

Um marco na vida das mulheres ocorreu no ano de 1975, quando o ONU (Organização das Nações Unidas) declarou o ano Internacional da Mulher. As mulheres viviam em situações de desigualdade e discriminação perante a sociedade em relação aos homens, após este acontecimento a mulher começa a traçar o seu caminho em suas conquistas.

Uma das maiores conquistas que as mulheres conseguiram, foi o direito de votar.

O direito de voto foi num primeiro momento reservado aos proprietários de sexo masculino. As mulheres foram excluídas, pois, acreditava-se, sua dependência econômica as impedia de exercer uma escolha livre. Assim, sob o Antigo Regime, só as viúvas dotadas de um feudo e as abadessas podiam eleger seus representantes nos Estados Gerais.

De acordo com Portela os primeiros capítulos da luta das mulheres pelo voto aconteceu ao lado pelo fim da escravidão. Ela foi iniciada ainda no século XIX, com a participação das mulheres norte-americanas nas campanhas pela abolição da escravatura, destacando-se a atuação de Susan Brownell Anthony e Elizabeth Cady Stanton. Inicialmente, a ideia era que ao lado da emenda que abolisse a escravidão também fosse aprovada uma emenda que desse direito de voto às mulheres. Mas isso infelizmente não aconteceu.

Destaca ainda Portela que em 1870, foi aprovada a emenda constitucional nº 15, garantindo o direito de voto aos homens de qualquer raça, cor e condição social, deixando-se de fora, porém, a mulher. Uma nova batalha foi então iniciada com a apresentação no Congresso de uma emenda pelo voto feminino, que ao final levou o nome de Susan Anthony, sua idealizadora.

O primeiro país a conceder o direito do voto foi na Nova Zelândia, no ano de 1893.

A mulher precisou enfrentar vários obstáculos para a sua inserção na sociedade, em relação aos direitos humanos, sociais e políticos, por conta de uma sociedade que vivia em um pensamento machista. Mas infelizmente as mulheres precisam lutar ainda para que a desigualdade e a discriminação sejam apenas acontecimentos do passado.

3. INSERÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

As mulheres tinham que fazer o que seus maridos achavam adequado, a sua vontade própria não contava, pois a submissão a eles deveria acontecer mesmo que elas não aceitassem.

No Brasil as mulheres também viviam submissas aos seus maridos depois de casadas, destaca Azevedo (2001, p.66):

Ocupava o marido posição de preeminência perante a esposa, conforme se observa dos direitos e deveres que, a seguir, o Código enumera: permanecia aquele como chefe da sociedade conjugal, competindo-lhe a representação legal da família, da administração dos bens comuns e particulares da mulher, que lhe coubesse administrar, em virtude do regime adotado, o direito de fixar e mudar o domicílio e o direito de autorizar a profissão da mulher e a sua residência fora do teto conjugal, devendo prover, também, a manutenção da família, art 233.

A sociedade entendia que o papel da mulher era somente cuidar dos filhos de suas casas, sua função era realizada em favor somente do cuidado com a família. A criação das mulheres foi marcada pela educação feita através dos bons costumes que a sociedade acreditava que era o seu papel, a domesticação.

De acordo com Hahner (1981), houve poucos estudos em relação às mulheres, e os estudos que existem são comparadas a grupos minoritários, com os índios e os escravos, uma verdadeira forma de discriminar metade da população.

No século XIX as mulheres exerciam a profissão de costureira, quando se casadas eram liberadas pelos seus maridos, e solteiras normalmente as de classe muito baixa, consideradas pobres. Também existiam as mulheres que trabalhavam em armazéns como atendentes, relata Hahner (1981).

As mulheres que tinham um poder aquisitivo melhor também trabalhavam algumas como professoras, pois eram consideradas o melhor ser humano a lidarem com as crianças, e também aquelas que tomavam conta dos negócios da família, que em alguns casos eram consideradas superiores aos homens.

A capacidade que as mulheres tinham, levaram elas a lutarem pelos seus objetivos, queriam ter espaço na sociedade, com isso houve algumas ideias revolucionárias que acarretaram em movimentos feministas.

O feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também a sua posição na sociedade. (HAHNER, 1981, p.30)

De acordo com Álvarez 1994, o movimento feminista, apesar de inserir-se no movimento mais amplo de mulheres, distingue-se por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado, e pelo princípio organizativo da horizontalidade, isto é, da não-existência de esferas de decisões hierarquizadas.

Nísia Floresta Brasileira Augusta é apontada como uma das primeiras feministas brasileiras. Nísia nasceu no dia 12 de outubro de 1810, no Sítio Floresta, em Papari no Rio grande do Norte, era filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e da jovem viúva, Antônia Clara Freire, que já tinha uma filha do primeiro casamento, Maria Izabel do Sacramento, e que tiveram além de Nísia Floresta mais dois filhos, Clara e Joaquim.

Nísia viveu num período histórico em que a mulher estava totalmente à margem da sociedade, sofrendo diversos tipos de exclusão, entre eles a exclusão de não ter uma educação científica e de qualidade. Nesse contexto Nísia foi pioneira, pois

esteve presente na luta pelos direitos da mulher e a igualdade entre mulheres e homens, sobretudo no campo intelectual, teve um marco muito grande na história das mulheres, pois foi ela que lutou contra a desigualdade na sociedade, uma de suas conquistas foi em relação à educação das mulheres.

No dia 15 de março de 1827, Dom Pedro I assinou a primeira legislação no Brasil relativa ao acesso de mulheres à escola, ela permitia o acesso de meninas nas escolas elementares, entretanto continuavam impedidas de matricular-se em escolas avançadas.

Segundo a legislação:

Art. 11. Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento. Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão da noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.

A inferioridade era algo notável em relação às mulheres perante a sociedade, a desvalorização entre os gêneros era uma caminhada longa a ser conquistada pelas mulheres.

Foi Nísia que teve como objetivo lutar contra a desigualdade na educação, ela teve muita determinação e força para vencer essa batalha. Ela que conseguiu criar a primeira escola somente para meninas, o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, com métodos intelectuais na educação da mulher.

Eggert 2006, p.235 afirma que:

Nesta escola, os métodos usados foram inovadores. Não limitado suas alunas à costura e aos bons modos, os estudos incluíam disciplinas como latim, caligrafia, história, geografia, religião, matemática, português, francês, italiano, inglês, música, dança, piano, desenho e costura.

Nísia era escritora e muitas de suas obras eram em relação à defesa das mulheres. Ela era educadora feminista que lutava por uma educação de qualidade, em suas obras, denunciava a situação da vida da mulher brasileira.

Guarde-se bem o homem de ter a mulher para seu juguete, ou sua escrava; trate-a como uma companheira da sua vida, devendo ela participar de suas alegres e tristes aventuras; considere-a desde o berço até seu leito de morte, como aquela que exerce uma influência real sobre o destino dele, e, por conseguinte sobre o destino das nações; dedique-lhe, por último, uma educação como exige a grande tarefa que ela deve cumprir na sociedade como o benéfico ascendente do coração; e a mulher será como deve ser, filha e irmã dedicadíssima, terna e pudica esposa, boa e providente mãe. (FLORESTA, 1997, p.117)

A luta de Nísia serviu para que a sociedade aos poucos considerasse a mulher pelo menos no âmbito da educação, mesmo sendo muito pouco em relação à igualdade dos gêneros.

Pode se relatar também que mais umas das conquistas das mulheres feministas foi o nascimento de um jornal chamado “ O jornal das senhoras”, editado pela argentina Joana Paulo Manso de Noronha, qual se separou do marido e veio morar no Brasil. Ela enfrentou muita discriminação, pois foi a primeira a liderar um jornal feminista. No seu editorial mostrava o problema da emancipação e o melhoramento no meio social da mulher.

HAHNER, 1993, p.51 faz as considerações, feministas também consideraram a imprensa um meio importante de difusão do saber, e insistiram em que as mulheres lessem jornais para conhecer seus direitos e obrigações.

O jornal também se propunha a publicar textos anônimos, com o intuito das mulheres expressarem suas ideias.

A pesquisadora Hahner (1993) afirma que durante os quatro anos de edição do jornal, poucas mulheres tiveram a mesma coragem da editora Joana Paula em assinar seus artigos.

Com o passar do tempo foram surgindo novos jornais, às mulheres aos poucos tomavam coragem e assinavam seus textos, e até se reuniam para debater os interesses feministas. O número de mulheres alfabetizadas aumentava a cada dia, relata Hanher (1993): O aumento do número de mulheres alfabetizadas nas principais cidades possibilitou um público maior para este e outros jornais feministas, mas um público ainda restrito às mulheres de classe média e alta.

Os jornais serviam como forma de protesto perante as mulheres para relatar a desigualdade que a sociedade mostrava em relação aos homens.

Na década de 1880, o jornal “O Sexo Feminino” protestou contra as dificuldades encontradas pelas primeiras mulheres formadas em Direito de exercerem a profissão. Hahner (1993) afirma que as “as mulheres que desempenhavam tarefas filantrópicas fora do lar eram mais aceitas do que as que invadiam o domínio masculino dos assuntos públicos”. Foi neste momento, que algumas feministas exigiram o direito ao voto, fato que “horrorizou muitos brasileiros, homens e mulheres”.

O sufrágio não estava dentro do mundo feminino de sentimentos e do lar, mas marcou uma brecha precisa na esfera masculina ativa. Muitos temiam que, se o mais puro e mais nobre dos sexos descesse do pedestal e escapasse do isolamento do lar, ele poderia ser maculado ou corrompido e a sociedade arruinaria. Não apenas idéia incômoda de mulheres eleitoras, mas também o espectro de mulheres políticas excitava a imaginação masculina. (HAHNER, 1993, p.78)

Após a proclamação da república em 15 de Novembro de 1889, as mulheres tinham grandes expectativas em relação as suas conquistas e direitos, principalmente em relação a ocupar qualquer cargo e votar.

Mesmo com os debates para a liberação dos votos entre as mulheres, ainda era necessário quebrar alguns paradigmas, e a caminhada ainda era longa.

Alguns processos puderam marcar essa época.

O Artigo 171 da Constituição da República do Brasil de 1889 apresentava o seguinte texto: "... são eleitores todos os cidadãos maiores de 21 anos..."

Mas vale ressaltar que a sociedade não considerava cidadãos maiores de 21 anos qualquer pessoa, eram somente legalizados os votos aos homens, era totalmente inadequado o voto das mulheres.

A luta constante para os direitos feminista aos poucos foi tomando espaço na sociedade, os protestos realizados aconteciam em favor do direito do voto, o trabalho da mulher sem a autorização dos maridos. As mulheres conseguiram alguns aliados como jornalista e senadores.

Com isso inicia-se a Federação Brasileira para o Progresso Feminino que faz concreto as revoltas femininas.

Hanher (1993, p.107) ressalta que a federação tem como objetivo:

- ✓ Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina.
- ✓ Proteger as mães e a infância.
- ✓ Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino.
- ✓ Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão.
- ✓ Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público.
- ✓ Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos.
- ✓ Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental.

O direito de voto das mulheres foi alvo de vários discursos, contra o tal ato, a sociedade não aceitava que pudessem delegar as mulheres esse poder.

Mas foi em 1934, que a mulher obteve o direito de votar, que mostrava uma transformação que ocorrera a cada dia perante a sociedade. Mas foi somente em 1937 que o Brasil passou a adotar esta situação.

Tanto a mulher, quanto o homem podem votar e serem votados. Nota-se a aplicação da máxima liberal, de que todos são iguais perante a lei. Garantiu a ambos os sexos o direito de exercício da cidadania, portanto de participação política. “Art 131.” São eleitores os brasileiros maiores de 18 anos que se alistarem na forma da lei”.

A mulher aos poucos começou traçar o seu próprio caminho, deixando de lado a discriminação, e lutando para que a igualdade seja um fator real exercido perante todos.

No decorrer da história vários fatos importantes marcaram a vida da mulher, e um deles foi o direito do divórcio, que era totalmente renegado perante a sociedade, ela não poderia ter o direito de se divorciar, tal ato era visto como a desmoralização da mulher.

A Lei 6515/77 prescreve a homens e mulheres o direito de cessar a parceria conjugal e põe termo aos seus efeitos civil e religioso, mas essa lei não vigorou em relação às mulheres.

A mulher era mal vista quando por algum motivo quisesse terminar os laços familiares com os seus maridos, isto era algo de discussão perante muita gente. As discussões aconteciam no âmbito religioso e jurídico, como mostra o texto da Folha de São Paulo, 2007, p8: A deputada Lygia Lessa Bastos, que votou a favor do divórcio, foi questionada num debate: “Eu a vi na missa. Como a Senhora, católica, defende o divórcio?” Ela respondeu em nome do direito de reconstruir famílias”.

Mesmo com a imposição de legalizar o divórcio as mulheres conseguiram mais uma conquista, a do direito de se separarem quando achassem necessário.

Para garantir o direito da mulher perante a lei criou se algumas Constituições Federais, que garantia que todos são iguais perante a lei, como os textos abaixo relata:

Maciel (2007) dispõe que, como se não bastasse à regra geral de que todos são iguais perante a lei, consagrada no caput do artigo 5º, a Constituição Federal se preocupou tanto em condenar as distinções entre os homens e mulheres que acrescentou, no inciso I do mesmo artigo, como já supramencionado, a particular igualdade entre o homem e a mulher, já explicitada no inciso IV, do art. 3º, quando determina como objetivo da República Federativa do Brasil a promoção do bem de todos, sem preconceitos, dentre outros, de sexo. Para reafirmar a regra geral, a Constituição ainda a confirma no caso particular, quando prescreve a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres diante do casamento e dos filhos, no art. 226, § 5º.

O reconhecimento de que a lei pode e, mais ainda, deve tratar desigualmente os desiguais de maneira a preservar a igualdade de oportunidades, encargos e privilégios; está o tratamento diferenciado dispensado às mulheres que o constituinte adotou na busca pela equiparação entre os sexos, em três casos específicos: 1. licença-gestação para a mulher, com duração superior à da licença-paternidade (art. 7º, incisos XVIII e XIX); 2. Incentivo ao trabalho da mulher, mediante normas protetoras (art. 7º, inciso XX); 3. Prazo mais curto para a aposentadoria por tempo de serviço da mulher (art. 40, inciso III, alíneas a, b, c e d; art. 202, incisos I, II, III e §1º).

Ao equiparar direitos e obrigações de homens e mulheres, em todos os níveis, a Constituição ensina que a igualdade de homens e mulheres está contida na norma geral da igualdade perante a lei, bem como em todas as normas constitucionais que vedam discriminação de sexo (arts. 3º, inciso IV, e 7º, inciso XXX).

Igualdade relatada perante a constituição como ato a ser exercido perante a sociedade.

A educação e o comportamento das mulheres brasileiras, desde o período colonial, variavam de acordo com a classe social a que pertenciam. Mas, de modo geral, conforme nos diz Ribeiro (2000, p. 79), “tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como as negras escravas e as indígenas não tinham acesso à arte de ler e escrever”.

As mulheres mais pobres exerciam o trabalho pesado como, por exemplo, o da agricultura, já as de classe mais alta era delimitado o trabalho doméstico.

Podemos dizer que a educação inicia – se com a religião, pois foi edificando regras e valores.

Percebe-se que eram múltiplas as formas de educação da mulher, variando de acordo com os discursos hegemônicos. Com base num discurso “conservador”, ela deveria ser “mais educada do que instruída”, recebendo uma educação predominantemente moral, já que seu destino como esposa e mãe deveria ser o de “ pilar de sustentação do lar”, educadora dos próprios filhos. A primeira Lei de Instrução Pública do Brasil, de 1827, deixava claro essa concepção:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas. Apesar da simultânea divulgação da “inferioridade orgânica da mulher”

Apesar da inferioridade das mulheres em relação aos homens, se começou a aceitar a escolarização das meninas para formar o seu caráter. As famílias que possuíam uma classe mais elevada contratavam professores particulares para o ensino da escrita, leitura, boas maneiras e música.

Aos poucos essa situação se modifica e o ensino é começa a ser pratico perante a sociedade.

O que vale ressaltar é que ao nos debruçarmos sobre o caminho percorrido pela mulher na história da educação brasileira com a luta feminina, temos a clareza que tanto a luta da mulher como a da liberdade pela educação é algo que começou a criar espaço com o decorrer da história.

No Brasil a vida das mulheres no mercado de trabalho inicia ou se com a consolidação do sistema capitalista que as mulheres deixam suas casas para trabalhar nas fábricas.

O trabalho era arduo e muito cansativo, pois a carga horária era muito alta. Mas com o decorrer dos tempos foram criadas as constituições e uma delas foi feita com a finalidade de proteger os direitos no trabalho.

A constituição de 32 “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”.

Mesmo com as leis garantindo os valores das mulheres muitas vezes isso não era algo real. A remuneração era uma das explorações vividas por muitas mulheres, pois estavam submetidas a extensas cargas de trabalho para ganhar uma quantia muito baixa pelo trabalho executado. Uma das desculpas mostrada pela sociedade é que essa discriminação salarial era exercida por conta de que os maridos teriam que sustentar suas casas.

No Brasil foi criada a CLT – Consolidação das leis trabalhistas que garantem os direitos em relação ao trabalho.

Alguns aspectos foram criados para o exercício do trabalho em especial para as mulheres, garantidos pela CLT:

- ✓ Sempre que você for às consultas de pré-natal ou fizer algum exame necessário
- ✓ Ao acompanhamento de sua gravidez, solicite ao serviço de saúde uma DECLARAÇÃO DE COMPARECIMENTO. Apresentando esta declaração à sua chefia você terá sua falta justificada no trabalho.
- ✓ Você tem o direito de mudar de função ou setor no seu trabalho, caso o mesmo.
- ✓ Possa provocar problemas para a sua saúde ou a do bebê. Para isso, apresente.

- ✓ À gerência um atestado médico comprovando que você precisa mudar de função.
- ✓ Enquanto estiver grávida, e até cinco meses após o parto, você tem estabilidade no emprego e não pode ser demitida, a não ser por “justa causa”, isto é, nos casos previstos pela legislação trabalhista se cometer algum crime, como roubo ou homicídio, por exemplo.
- ✓ Você tem direito a uma licença maternidade de 120 dias – recebendo salário integral e benefícios legais – a partir do oitavo mês de gestação.
- ✓ Até o bebê completar seis meses, você tem direito de ser dispensada do seu trabalho todos os dias, por dois períodos de trinta minutos, para amamentar.
- ✓ O seu companheiro tem direito a uma licença paternidade de cinco dias, logo após o nascimento do bebê.

N política também houve uma enorme discriminação em relação às mulheres. No Brasil somente em 1932, durante o governo de Getulio Vargas que as mulheres conquistaram o direito de votar e de serem candidatas.

Algumas conquistas foram realizadas pelas mulheres, é o que relata o site suapesquisa.com.br (Acesso em 25/05/2013).

- ✓ Em 1932, as mulheres brasileiras conquistam o direito de participar das eleições como eleitoras e candidatas;
- ✓ Em 1933, Carlota Pereira de Queirós tornou-se a primeira deputada federal brasileira;
- ✓ Em 1979, Euníce Michiles tornou-se a primeira senadora do Brasil;
- ✓ Entre 24 de agosto de 1982 e 15 de março de 1985, o Brasil teve a primeira mulher ministra. Foi Esther de Figueiredo Ferraz, ocupando a pasta da Educação e Cultura.
- ✓ Em 1989, ocorre a primeira candidatura de uma mulher para a presidência da República. A candidata era Maria Pio de Abreu, do PN (Partido Nacional).
- ✓ Em 1995, Roseana Sarney tornou-se a primeira governadora brasileira;
- ✓ Em 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff (PT - Partido dos Trabalhadores) venceu as eleições presidenciais no segundo turno, tornando-se a primeira mulher presidente da República no Brasil.

Com o passar do tempo tem sido mostrado pela história os aspectos que estão sendo modificados pelas mulheres, ao poucos vem traçando o seu caminho para que conquiste a cada dia o seu espaço, seja na educação, no trabalho ou até mesmo na política.

A desigualdade entre os sexos sempre foi vista como um setor social da sociedade mostrada pela educação, igreja, política, entre outros, mas esse paradigma vem vencendo batalhas para que isso possa se torna algo real, a igualdade entre todos.

4. A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

A história do trabalho da mulher é tão longa quanto a do homem. Desde a Antiguidade, a mulher cumpre importante papel nas relações de produção, mesmo que na maioria das vezes sua posição jurídica, política e social fosse inferior a do homem.

Historicamente o homem é tido como chefe da família e cabe a ele liderar o seu âmbito familiar, fazendo da mulher apenas a responsável por cuidar do lar, incluindo funções domésticas e o cuidado com os filhos.

Na idade média pode-se notar a total desvalorização da mulher em relação ao seu trabalho que era executado no setor de produção das indústrias. O acesso ao mercado de trabalho era imposto através de vários obstáculos e um deles era a desvalorização de mão de obra feminina.

Alencar 1988, p.86 mostra isso em uma de suas publicações:

Na Idade Média, a mulher do povo (...) deve-se contentar com um salário extremamente baixo. As corporações se opõem ao trabalho feminino, esforçadas e por suprimir uma concorrência perigosa, que elas julgam desleal. Algumas dentre elas obrigam as mulheres a aderir, mas lhe interdita o acesso à maestria. Outras lhe fecham as portas, alegando o caráter muito penoso de suas tarefas.

Disso resulta que as mulheres, excluídas das corporações, são submetidas às duras condições e aos baixos salários do trabalho a domicílio. Tanto nas corporações femininas quanto nas mistas as funções representativas eram desempenhadas por homens. Os salários femininos eram inferiores aos dos homens, estimando-se que para o século XIV os primeiros representassem 75,0% dos segundos.

Já na Revolução Industrial pode-se ver a precariedade das condições de trabalho vividas pelas mulheres, elas eram submetidas a qualquer condição de trabalho

imposta pelos patrões. Longas jornadas, chegando de quatorze até dezoito horas de trabalho, e a exploração sendo qualquer tipo as mulheres enfrentavam no mercado de trabalho, sem falar na remuneração que era muito inferior aos dos homens. Muitas vezes as funções das mulheres eram mais exploradas e mesmo assim havia essa discriminação em relação aos salários.

Para mudar essa situação foi elaborado a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que relata de acordo com o site www.unisuam.edu.br:

[...] em seu art. 23, § 2º, estabeleceu a igualdade de salário para igual trabalho e o Pacto de Internacional relativo aos direitos econômicos, sociais e culturais, de 1960, em seu 7º art., alíneas *a* e *i*, reafirmou a equidade de salário e a igualdade da remuneração paga por um trabalho de mesmo valor.

Mas a realidade da mulher brasileira no mercado de trabalho era algo a ser conquistado. Muitas lutas foram vivenciadas por milhares de mulheres para que elas pudessem obter um espaço na sociedade, podendo exercer o seu trabalho de forma digna.

Desde o início do processo de inserção da mulher no mercado de trabalho ela vem enfrentando preconceitos, discriminações e desafios. Devido a isso, muitas batalhas foram traçadas e as mulheres lutam até hoje por direitos iguais. Por esse motivo, apesar das inúmeras dificuldades, há também diversas vitórias e conquistas alcançadas por elas. Aos poucos, as mulheres foram conquistando seu espaço no mercado de trabalho, provando sua capacidade e competência de forma brilhante. A caminhada feminina se iniciou há muitos anos e, desde então, as mulheres vêm escrevendo suas histórias. Muito antes da era cristã, o trabalho feminino esteve voltado ao mundo doméstico. Na idade média, elas eram separadas por categorias: as solteiras deveriam lavar e tecer, as mães tinham que cuidar das crianças, as de meia idade cuidar da cozinha e adolescentes e, as camponesas, além das tarefas domésticas, deveriam ajudar seus maridos na agricultura. (MEDEIROS, 2006, p.31).

Fica claro que essas discriminações são muito antigas, e as mulheres lutam para quebrar as barreiras existentes a mais tempo do que se pode imaginar.

A história nos conta que as mulheres eram impostas pelos homens, sem contar que só poderiam trabalhar nos afazeres domésticos, também trabalhava na lavoura e a maternidade.

Atualmente, persistem muitos preconceitos contra o sexo feminino, dificultando assim, a carreira profissional. Dessa forma, terão ainda que lutar muito por direitos iguais, principalmente no que diz respeito a salários:

[...] a inserção da mulher no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres. (PROBST, 2009, p.2).

Não a dúvida de que o maior desafio enfrentado pelas mulheres é a diferença salarial que podemos notar que existe há muitos anos. A duração longa de trabalhos cansativos não é remunerada igualmente, em relação aos homens.

[...] Muitos problemas foram e ainda são enfrentados pelas mulheres na inserção no mercado de trabalho. Entre eles, vale ressaltar os salários menores em Relação ao dos homens, a dupla jornada com o principio de que a vida domestica é trabalho feminino, falta de voz nos espaços de decisão, entre outras coisas. (GOMES, 2005, p.6)

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX até depois da primeira grande guerra, a visão econômica e cultural se alterou, o que causou grande mudança no

comportamento feminino. Com a industrialização e urbanização, a mulher passou a ter mais informações, ocupando maior espaço nas ruas, trabalhando e estudando. (MEDEIROS, 2006, p.35)

Fala-se nos dias de hoje em globalização, tecnologia, entre outras inovações, porém, a cultura é extremamente significativa para a sociedade.

A quebra de paradigma em relação à mulher no mercado de trabalho é algo real hoje vivenciado perante a sociedade. A cada dia podemos nos deparar com situações inovadoras de mulheres trabalhando em setores que somente homens ocupavam.

4.1 A mulher inovadora

Depois de uma longa caminhada para a conquista do seu espaço, mulheres de fibra vêm trilhando o seu caminho para o sucesso.

O tabu que a sociedade acreditava que era correto somente homem estar presente no mercado de trabalho, hoje a história nos mostra que é mais que normal e até mesmo mais vantajoso à inserção da mulher no mercado de trabalho.

Antigamente as mulheres trabalhavam para somar com a renda de seus maridos para o sustento da família. Hoje a mulher trabalha para se valorizar pessoalmente, é algo que traz o estímulo para suas vidas.

A capacitação das mulheres vem crescendo a cada dia, a vontade do saber é exercida diariamente por milhares de mulheres.

Profissões foram sendo executadas por mulheres, que antes nunca havia sido realizadas, a sociedade pode notar a evolução avassaladora que elas vêm enfrentando com o decorrer da história.

A mulher, de acordo com Shinyaschiki (2006), está cada vez mais assumindo cargos estratégicos nas organizações, além de atuar como administradora do lar e educadora dos seus filhos. Com a sociedade moderna a mulher vem crescendo, conquistando o seu espaço, a inovadora ocupação das mulheres é algo deslumbrante.

A mudança é notada por todos, pois a mulher deixa de ser somente a mantedora de seus lares para entrar no mundo dos negócios. Lembrando que mesmo trabalhando fora de suas casas, ainda cumprem os deveres familiares.

A história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil foi marcada principalmente por dois requisitos, a queda da taxa de fecundidade e o aumento do nível de instrução feminina. Estes fatores estão acompanhando a crescente inclusão da mulher no mercado de trabalho e o aumento de sua renda. As mulheres em alguns casos deixam de lado o parâmetro família para ter o seu pensamento fixado na sua realização pessoal. Não que as mulheres não queiram mais ser chefe de família, mas hoje estão com a finalidade de crescer profissionalmente e com isso retarda o início concreto de família. Os pensamentos das mulheres modernas estão voltados à realização profissional, incluindo assim a sua capacitação ainda mais em diversos setores.

Em uma entrevista da revista *Veja* do dia 29 de Maio de 2013 a escritora inglesa Jane Austen, autora de *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito* diz:

[...] casar e ter filhos. Esse mandamento resistiu a todas as ondas de modernidade, da pioneira conquista do direito de voto até aos novos arranjos familiares trazidos pelo divórcio e pelos recasamentos. Seja pai separado, mãe separada ou vários sobrenomes sob o mesmo teto, dava – se como certo que, em havendo família, haveria crianças.

Os tempos modernos podem mostrar que as mulheres estão deixando de ter filhos para a construção de uma vida, pensando mais no seu bem estar. Não podemos generalizar, pois o número de mulheres mantedoras de suas famílias com filhos ainda é maior do que aquelas que optam em ter filhos.

Um exemplo de mulher que optou em se realizar profissionalmente também mostrada na entrevista concedida pela *Veja* do dia 29 de Maio de 2013:

“Escolhi o doutorado”

Casada há quinze anos, a advogada Letícia Queiroz de Andrade, 39, teve certeza de que não queria filhos quando, com um mestrado recém – concluído, viu a chance de engatar um doutorado. Ela tinha então 34 anos. “ Era ser mãe ou mergulhar a fundo no meu Ph.D. Fiquei com a segunda opção”, conta Letícia, que hoje é professora universitária e sócia de um dos maiores escritórios de advocacia do país, em São Paulo. Vez ou outra, ela sente que lhe torcem o nariz, mas, muito firme na decisão que tomou ao lado do marido, não se abala. “Não sou desumana nem desprovida de emoções. Simplesmente priorizei a carreira”, diz.

Como já se constata muitas brasileiras não se sentem mais presas ao conceito de que a felicidade está ligada a maternidade.

A libertação da mulher, em resumo significou a capacidade de fazer escolhas, até mesmo sobre ter ou não filhos. Quase metade das brasileiras trabalha fora. O casamento a maternidade vão sendo empurrados para frente em nome da liberdade e do trabalho.

Quanto mais educadas e bem – sucedidas, mais elas têm se revestido de coragem para desviar daquilo que todo mundo sempre viu como seu destino inescapável.

Mulheres como elas expõem o complicado desafio de encontrar um ponto de equilíbrio em meio ao feroz mundo corporativo. A estrada ainda é longa para total conquista nessa sociedade que ainda mesmo com a capacidade imensa das mulheres em tornar concreta sua posição no mercado, ainda passa por imensas discriminações.

4.2 Conquista da mulher no mercado de trabalho

A história nos mostra a imensa discriminação que a sociedade impõe em relação ao trabalho das mulheres. Mesmo com as leis garantindo o direito igual a todos não é isso que vemos. Mas a luta diária pela conquista do seu espaço vem mostrando que mesmo com as desigualdades entre os sexos no trabalho, grandes vitórias foram alcançadas.

O mercado de trabalho ainda não valoriza a mulher de forma leal, pois ainda podemos nos deparar com situações que homens ainda ganham mais que as mulheres. Mesmo com tal desigualdade a mulher conquistou vários espaços no mercado de trabalho, e mostra que sua capacidade para atuar seja qualquer função no trabalho é exercida com total habilidade.

A participação da mulher no mercado de trabalho vem carregada de mudanças nas ocupações. Isso deve ao fato de existir ocupações ditas essencialmente femininas, e outras masculinas. A maioria dos estudos na área verifica que a mulher no mercado de trabalho aumenta em quantidade, mas também muda de qualidade de ocupações, porque estão se inserindo em postos antigamente somente masculinos.

4.3 A mulher na construção civil

Há muitos séculos atrás era inconcebível ver a mulher dividindo o mesmo espaço que os homens no mercado de trabalho. Criadas sempre para as funções domésticas, o máximo que acontecia para estar perto de um canteiro de obras era passar pela calçada. Ao longo da história isso vem se modificando, a luta pela conquista do seu espaço não foi fácil mais a persistência foi o alvo certo para chegar ao lugar almejado.

De acordo com o site oestadoce.com.br (Acesso 02/06/2013) a construção civil no Brasil passa por um cenário de transformação e uma das mais perceptíveis é a presença de milhares de mulheres desempenhando funções antes executadas apenas por homens.

Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), somente dos anos de 2000 a 2010 o ingresso de mulheres no setor cresceu 65%, passando de 83 mil para 1,09 milhão. A verdade é que elas estão atuando, tanto no comando das empresas, como nos canteiros de obras e até na elaboração de funções administrativas.

Na Região Metropolitana de Fortaleza, segundo o Sindicato da Indústria da Construção Civil do Ceará (Sinduscon-CE), há cerca de 750 canteiros de obras, onde a presença de mulheres vem ganhando espaço. A entidade, inclusive,

trabalha essa questão da capacitação feminina como uma das atividades do seu Programa Qualidade de Vida na Construção, através do Projeto “Mulheres da Construção”, que tem por objetivo torná-las aptas a funções inerentes ao setor e preencher o quadro funcional das empresas.

O crescimento na contratação de mulheres nos canteiros de obras vem crescendo a cada dia e uma das características encontradas nas mulheres e o seu toque feminino em fazer o acabamento nas obras. O seu delicado jeito de lidar com diferentes coisas tem sido seu diferencialmente em relação aos homens.

O número de contratações só aumenta, mulheres estão se qualificando para se tornarem profissionais de sucesso.

Exemplos de mulheres que conquistaram o seu espaço na construção civil foi mostrada pela revista Veja, 15 de Junho de 2012.

“Um aplique de cabelo sintético importado da China, um fogão de cinco bocas e, em ato de protesto contra as bijuterias usadas até pouco tempo atrás, conjuntos de colares e pulseiras de prata verdadeira, dessas que brilham”. Pagos à vista ou parcelados em até dez vezes, esses itens foram às primeiras compras feitas pela paulistana Elizângela Conceição, de 39 anos, após assumir seu novo emprego, há três meses. Depois de ver um anúncio de jornal e ser aprovada em processo de seleção, hoje ela trabalha como auxiliar de montagem em um condomínio residencial da construtora Even, no Morumbi, que terá sete torres de apartamentos e 287 casas. “Sou a top model da obra, mas não tenho regalia por ser mulher”, diz ela, com a boca rebocada de batom lilás. “Instalo janelas e portas, algumas com mais de 30 quilos”.

“Eu tirava menos de 600 reais fazendo faxina. Hoje, recebo o dobro”, conta a atual pintora Maria Auxiliadora, de 32 anos. Dora, como é chamada, não se queixa de montar e desmontar andaimes de 10 metros de altura. “É muito melhor do que esfregar o chão da casa dos outros”, diz ela.

A modificação nas funções exercidas por mulheres é a realidade hoje vista no Brasil, a mulher deixa de ser dona de casa para correr atrás da sua realização profissional.



Figura 1: Izoubetty, Elaine, Maria, Iraeth, Elizângela, Eli e Leidiane (da esq. para a dir.): mão na massa. (Foto: Mario Rodrigues)



Figura 2: Maria Auxiliadora: “Ser pintora é muito melhor do que esfregar o chão da casa dos outros”
(Foto: Mario Rodrigues)

4.3 Mulheres na direção

A profissão de motorista antigamente só era realizada por homens, hoje isso também obteve mudanças. Esse é mais um setor que muitas mulheres estão exercendo o seu trabalho. Mesmo com muitos preconceitos hoje existem muitas mulheres motoristas de grandes empresas.

O site www.sinfrecar.org.br (Acesso em 02/06/2013) mostra que uma grande empresa começou a contratar mulheres para o cargo de motorista e obtiveram grandes resultados.

Há um bom tempo à mulher vem conquistando o seu lugar no mercado de trabalho, mas em certas profissões a resistência é maior, como é o caso dos motoristas de ônibus. Mas essa barreira profissional está sendo vencida e recentemente o espaço no mercado se abriu para as mulheres motoristas e já é comum avistar mulheres conduzindo ônibus no trânsito das cidades. No segmento de transporte de pessoas por fretamento, um exemplo de atuação da mulher como motoristas é a Viação Mimo que há cinco anos começou a contratar mulheres. Hoje já são sete funcionárias atuando como motoristas e na empresa há vagas abertas para novas profissionais.

O diretor da Viação Mimo, Cláudio Moreira, diz que começou a investir na contratação de mulheres por necessidade, pela escassez de mão de obra. “Isso nos levou a investir e apostar na mão de obra das antigas “tias” de vans, que levavam as crianças para as escolas. Nós demos oportunidades dentro da nossa empresa começando pelo transporte com van, onde elas permaneciam por um período determinado de 12 meses, passavam para os micro-ônibus e depois de mais 12 meses elas atingiam o grau máximo, que é o ônibus grande de 44 lugares”.

Segundo Cláudio Moreira, as mulheres são econômicas, fazem maior quilometragem por litro de combustível e tem um ótimo relacionamento com os passageiros. “Elas são delicadas e educadas. A gentileza das mulheres e a calma com que elas conduzem os veículos são hoje os principais motivos porque a gente continua investindo e apostando na mulher como nossas condutoras”, explica Moreira.

Exemplos de algumas dessas mulheres:

Valdinéia Tofani foi à pioneira, a primeira mulher motorista contratada pela empresa há cinco anos e também foi a única participante mulher do Concurso Motorista Padrão de 2010, organizado pela Sinfrekar. Está na profissão há oito anos e começou dirigindo carreta. “Comecei com caminhão porque meu esposo também é motorista, então fui aprendendo com ele. Sempre gostei do ofício, é uma coisa já da minha natureza, tenho prazer em dirigir, então eu não vejo dificuldades, eu me adapto bem”.

Ela diz que quando começou encontrou bastante dificuldade, as empresas não contratavam mulheres e havia muito preconceito. “De uns cinco anos para cá já foi dada bastante oportunidade e a situação melhorou. As pessoas confiam hoje mais na mulher do que no homem no volante. A mulher é mais calma. Nesse tempo a mulher provou que tem capacidade”, afirma Valdinéia.

Hoje o preconceito deu lugar para brincadeiras, em conversas bem humoradas entre motoristas e passageiros. Valdinéia diz que nas viagens alguns passageiros ainda sentem um impacto quando encontram uma motorista mulher e nessa hora é preciso jogo de cintura. “Eles brincam muito e eu também converso para quebrar o gelo, alguns têm dificuldade para pegar confiança”, comenta a motorista.



Figura 3: Valdinéia Tofani (Foto: www.sinfrekar.org.br)

Já a motorista Susana Gargan está há três meses na empresa e trabalha a dois anos como motoristas. “Como eu comecei há pouco tempo eu não vejo preconceito. No trânsito, algumas vezes, motoristas de caminhão não gostam de ver mulher ultrapassando, eles não aceitam quando percebem que é mulher que vai ultrapassar, eles não admitem. Mas hoje o mercado está bem aberto para as mulheres”, diz Susana.

São muitos os exemplos da atuação das mulheres nas mais variadas áreas profissionais e em cargos com muita responsabilidade como a futura presidente do Brasil Dilma Rousseff e num exemplo mais próximo, com a presidente do SinfreCAR Marisa Noschese. Mas longe de ser uma competição com os homens, a mulher busca o seu espaço na sociedade e no mercado de trabalho.



Figura 4: Suzana Garga (Foto: www.sinfreCAR.org.br)



Figura 5: Algumas das motoristas da empresa Viação Mimo (Foto: www.sinfreCAR.org.br)

4.4 Grandes mulheres que fizeram história no Brasil

Cada vez mais a mulher tem mostrado sua capacidade para atuar em diversas funções. Na administração não tem sido diferente, ela está cada dia mais presente na atuação de grandes empresas.

De acordo com as informações retiradas do site www.administradores.org.br (Acesso 02/06/2013) a 5ª edição da Pesquisa Nacional – Perfil, Formação, Atuação e Oportunidade de Trabalho do Administrador, realizada pelo Conselho Federal de Administração (CFA), entre 1994 e 2011, o número de administradoras cresceu 67%, no Brasil. Uma mostra de que a presença feminina no mercado de trabalho atual está em crescente expansão.

Dados do Censo 2012, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE mostraram que atualmente as mulheres têm um nível de instrução maior do que os homens. O percentual de homens com graduação superior completa foi de 11,5% entre a população, enquanto que o percentual das mulheres chegou a 19,2%.

Uma pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa (Sebrae) mostrou ainda que as mulheres também estão se desenvolvendo no comando dos negócios brasileiros, 49,6% das pessoas que iniciaram carreira empresarial são do sexo feminino. Visto isso, pode-se afirmar que a parcela feminina no mundo dos negócios é crescente e sólida.

Porém, apesar de toda a evolução, ainda são diversas as desigualdades entre homens e mulheres no ambiente corporativo. As diferenças de salários, por exemplo, é um fenômeno mundial. Atualmente no Brasil, as mulheres recebem um rendimento médio 35% inferior aos homens e poucas são às vezes em que são contempladas a cargos de chefia. Por ainda enfrentarem essa barreira cultural, é possível perceber que as mulheres estão cada vez mais se instruindo e se dedicando em suas funções para o mercado passe a interpreta-las com mais seriedade e as ofereçam melhores salários e oportunidades.

Alguns exemplos de grandes mulheres na direção de grandes empresas:

- ✓ Diretora de energia e gás da Petrobrás – Graça Foster:

Dados retirados de uma entrevista mostrada pelo site www.prograd.uff.br (Acesso em 02/06/2013).

Uma vida de dedicação à empresa: de Secretária de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, até os cargos que ocupa hoje - Diretora de Gás e Energia da Petrobras, entre outros.

[...] Para mim, é importante, como profissional, ocupar um cargo na Diretoria da Petrobras. Ainda mais porque eu fui estagiária na Petrobras e entrei no primeiro nível da Engenharia, como o que seria, hoje, profissional júnior. Vinte e oito anos se passaram e fui empossada diretora, mas não valorizei o fato de que era a primeira mulher a ocupar o cargo. As pessoas chamaram minha atenção para isso. Para as mulheres, tal fato foi uma quebra de paradigma. Não chamo, de jeito nenhum, de preconceito, a questão não é essa. A questão é que eu olhei e vi, “nossa, eu sou diretora da Petrobras” e as pessoas disseram, “e você é uma mulher”. Então, eu disse, “é, então, eu sou diretora da Petrobras e a primeira mulher a ocupar o cargo”.(FOSTER 2011).

Com força e dedicação Graça Foster conseguiu chegar a um cargo que antigamente nunca iria ser ocupado. Ultrapassou fronteiras para ser hoje a primeira diretora de uma companhia petrolífera.



Figura 6: Graça Foster – Diretora de Gás e energia da Petrobras (Foto: www.prograd.uff.br)

- ✓ Diretora Presidente do Magazine Luiza – Luiza Helena Trajano Inácio Rodrigues:

Informações retiradas do site movimentomulher360.com.br (Acesso em 02/06/2013)

Quando se pensa em sucesso feminino no mundo dos negócios, o nome Luiza Trajano vem à cabeça dos brasileiros com naturalidade. Uma das maiores empresárias do Brasil, a presidente da rede varejista Magazine Luiza transformou o empreendimento dos tios Luiza e Pelegrino em um objetivo de estudo da renomada Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, por sua impressionante expansão. No começo, uma pequena loja na cidade de Franca, interior paulista. Hoje, pouco mais de 50 anos depois, são 613 lojas distribuídas em 16 Estados brasileiros, nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. E o crescimento não para.

Quem disse, no entanto, que para construir esse império, Luiza Trajano precisou abdicar do lazer? “Consigno tempo para tudo, até para assistir à novela”, atestou em entrevista ao Movimento Mulher 360, do qual o Magazine Luiza é um dos signatários. O segredo está na produtividade, recomenda. O reconhecimento pelo trabalho exemplar rendeu outros frutos para além da rede varejista. Luiza chegou a ser convidada pela presidente Dilma Rousseff para ocupar a cadeira de ministra da Secretaria da Micro e Pequena Empresa – órgão ainda não criado pelo Governo Federal.

Luiza Trajano diz que não existe uma receita pronta para atingir o sucesso. Costumo sempre citar uma frase de São Francisco de Assis: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível”. Argumenta ainda que a Presidente Dilma no comando do país ajuda na mudança em que o país enfrenta em relação as mulheres no comando de grandes organizações.

Luiza é mais um exemplo vivo que mostra a grande capacidade de muitas mulheres.



Figura 7: Luiza Trajano Diretora Presidente do Magazine Luiza (Foto movimentomulher360.com.br).

✓ Presidente & CEO da GE Brasil- Adriana Machado:

Ela se juntou à GE em 2009, como diretora de Relações Governamentais. Em dezembro de 2011, Adriana Machado se tornou a primeira mulher na história da GE a representar os negócios da empresa no Brasil.

Afirmações de Adriana Machado retiradas do site www.classificados.folha.uol.com.br (Acesso em 02/06/2013)

Independente de ser homem ou mulher, o mundo dos negócios atual exige foco em resultado, comprometimento e dedicação. São essas características que auxiliarão na construção de uma carreira de sucesso. Mais do que isso, o líder do mundo moderno independe de gênero. Para ser líder, é indispensável saber a importância da equipe e entender que a diversidade é benéfica.

Para Adriana homens e mulheres tem o mesmo objetivo em relação à carreira executiva. Seu sucesso é algo que foi conquistado a cada dia, trilhando o seu caminho de forma a ser capacitada para estar hoje a onde esta.



Figura 8: Adriana Machado Presidente & CEO da GE Brasil(Foto www.classificados.folha.uol.com.br)

4.5 Diferenças Salariais entre ambos os sexos

Uma das maiores evoluções que o Brasil pode presenciar foi o aumento das mulheres no mercado de trabalho, mais ainda e notável a desigualdade salarial entre homens e mulheres.

A discriminação por gênero encontra – se em praticamente todas as sociedades, independentemente dos traços culturais e religiosos e aos sistemas políticos econômicos.

Em muitos casos as mulheres são discriminadas no mercado de trabalho quando, apesar de igualmente qualificadas, recebem pagamento inferior no desempenho da mesma função ou recebem salários menores porque têm acesso às ocupações pior remuneradas.

As informações abaixo foram retiradas do site www.seade.gov.br(Acesso em 02/06/2013).

Em geral, a média dos rendimentos das mulheres é inferior a dos homens. No caso do Estado de São Paulo, o salário médio recebido pelas mulheres formalmente empregadas, em 2002, era de R\$ 1.033,00 enquanto o dos homens, na mesma

condição, era de R\$ 1.294,00. Parte dessa diferença reflete o que se poderia chamar de “discriminação salarial”, isto é mulheres e homens exercendo a mesma ocupação, mas recebendo salários diferentes. Outros elementos igualmente contribuem para explicar tal discrepância, como a extensão da jornada de trabalho (em geral mais extensa entre os homens) e a qualidade das ocupações exercidas por homens e mulheres, o que poderia ser denominada “discriminação ocupacional”.

Em pesquisa analisada pela Catho, informações dadas pelo site www.catho.com.br.

Através do estudo realizado pode-se notar que a diferença entre os salários de homens e mulheres vem crescendo nos últimos anos. No ano de 2005 essa diferença era aproximadamente 52% a mais para o salário dos homens. Para esse ano, até o mês de Junho, essa diferença subiu para 75,38%, no geral.

Analisando essa diferença, no mesmo período, em cada um dos níveis hierárquicos considerados nesta pesquisa, nota-se que para a maioria dos níveis houve um aumento da diferença entre salários, principalmente para os cargos mais elevados como diretores, o qual a diferença chega a aproximadamente 20%. Para os cargos de trainee, estagiários e operacionais houve uma queda na diferença salarial quando se compara os anos de 2005 e 2007. Apesar dessa diminuição a classe referente aos operacionais tem uma diferença de 45,59%, a maior diferença entre os níveis hierárquicos.

Média Salarial por Nível Hierárquico (2005)

Nível Hierárquico	Feminino	Masculino	Razão	Relação
Presidente	-	34.988,02	-	
Vice Presidente	-	21.993,00	-	
Diretor	14.256,95	15.279,16	93,31	7,17
Gerente	7.291,96	7.995,94	91,20	9,65
Consultor	4.749,56	5.871,31	80,89	23,62
Supervisão	3.233,41	3.715,63	87,02	14,91
Especializado	2.364,25	2.961,34	79,84	25,25
Professor Universitário	4.098,41	4.744,45	86,38	15,76
Administrativo	1.008,66	1.058,76	95,27	4,97
Trainee	1.323,05	1.635,23	80,91	23,59
Estagiário	677,74	742,95	91,22	9,62
Operacional	945,60	1.370,03	69,02	44,88

Média Salarial por Nível Hierárquico (2007)

Nível Hierárquico	Feminino	Masculino	Razão	Relação
Presidente	26.500,00	28.211,00	93,93	6,46
Vice Presidente	20.000,00	26.048,00	76,78	30,24
Diretor	12.926,00	15.582,00	82,95	20,55
Gerente	7.316,00	8.136,00	89,92	11,21
Consultor	4.067,00	5.282,00	77,00	29,87
Supervisão	3.154,00	3.690,00	85,47	16,99
Especializado	2.358,00	3.006,00	78,44	27,48
Professor Universitário	3.652,00	4.572,00	79,88	25,19
Administrativo	1.016,00	1.082,00	93,90	6,50
Trainee	1.308,00	1.534,00	85,27	17,28
Estagiário	735,00	807,00	91,08	9,80
Operacional	908,00	1.322,00	68,68	45,59

Figura 10: Quadro retirado do site www.catho.com.br

O que podemos notar que independentemente da função exercida pelas mulheres a discriminação é algo ainda a ser conquistado. O número de mulheres com remunerações mais baixas já teve uma queda do que se ganha hoje comparado com antigamente, mais isso deve levar em consideração as lutas diárias enfrentadas por milhares de mulheres, tentando ocupar o seu lugar no mercado de trabalho e serem remuneradas da forma correta.

Um dos principais fatores que fazem com que mulheres ganhem menos que os homens é o fato delas não alcançarem cargos de chefia, o topo da carreira. Como mostra o site www.blogueirasfeministas.com e explica José Roberto de Toledo em Elevador Quebrado:

[...] Para as mulheres brasileiras, o elevador profissional não chega à cobertura. Elas estudam cada vez mais do que os homens, preenchem mais vagas no mercado de trabalho que requerem melhor qualificação, mas são barradas antes de chegarem ao topo salarial e ao comando. Dilma Rousseff é a exceção que confirma a regra. A mesma eleição que colocou uma mulher na Presidência da República manteve uma baixa ocupação feminina no Congresso, nas assembleias e nos governos estaduais. A culpa é do machismo das cúpulas partidárias, é certo. Mas o problema se estende a toda à sociedade.

José Roberto ainda diz que Mulheres é maioria nas universidades, são 40% da força de trabalho formal no Brasil, mas não alcançam os maiores salários, permanecem na base da pirâmide. A diferença salarial duplica entre os homens e mulheres que fizeram faculdade. As mulheres ganham, em média, 41% a menos do que seus colegas que estudaram tanto quanto elas. São R\$ 2.150 a mais para os homens todo mês. A licença-maternidade é colocada como a principal razão para que os empregadores paguem menos as mulheres. Essa ideia provém muito mais do machismo do que dos gastos reais que a empresa tem.

Todos esses paradigmas terão que ser conquistados ainda por milhares de mulheres. Podemos notar que na maioria dos casos a desigualdade salarial acontece. Esse direito de igualdade deverá ser algo a ser conquistado ainda.

Como vimos elas lutaram pelos seus direitos e conquistaram agora a luta continua para que elas vivem em um mundo sem desigualdade.

CONCLUSÃO

Conclui se que houve uma imensa evolução histórica em relação às mulheres, a sociedade pode ver de perto esse avanço.

A mulher ao demonstrar sua capacidade de atingir limites até mesmo de ir além, vem derrubando as barreiras do que antigamente seria considerado impossível. Obrigando assim com que nossa sociedade amplie seu modo de visão e abra portas que antes se laqueavam com indignação. Perante a tanta dedicação nada mais que justo conscientizar os mesmos de que mulheres não são mais ou até mesmo nunca foram o sexo frágil, que a fragilidade está nos olhos de quem às vê.

As mulheres deixaram de serem somente donas de casas para se tornarem grandes profissionais do mercado de trabalho. A discriminação que a sociedade coloca foi se acabando com o passar dos anos, e grandes conquistas puderam ser presenciadas.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres eram em relação a vários aspectos como: trabalho, religião, educação e política, aos poucos foram conquistando o seu espaço, e muitas vitórias foram presenciadas. A sociedade pode constatar a evolução em que as mulheres obtiveram na luta pelos seus direitos.

O tabu que a sociedade acreditava que era correto somente homem estar presente no mercado de trabalho, hoje a história nos mostra que é mais que normal e até mesmo mais vantajoso à inserção da mulher no mercado de trabalho.

Antigamente as mulheres trabalhavam para somar com a renda de seus maridos para o sustento da família. Hoje ela trabalha para se valorizar pessoalmente, é algo que traz o estímulo para suas vidas. A capacitação das mulheres vem crescendo a cada dia, a vontade do saber é exercida diariamente por milhares de mulheres.

Profissões foram sendo executada por milhares de mulheres, que antes nunca havia sido realizada, a sociedade pode notar a evolução avassaladora que elas vêm enfrentando com o decorrer da história.

Mas é claro que tudo isto só foi realizado após muitas batalhas, o preconceito foi o alvo mais difícil de conquistar, pois a sociedade vivia em um mundo machista. Não podemos dizer que hoje essa realidade mudou bastante, pois ainda em muitos

casos podemos nos deparar com preconceitos vivenciados pelas mulheres. Mas com certeza podemos afirmar que a realização de muitas mulheres é algo realizável, a luta pelos seus direitos obteve conquistas, o orgulho é notável perante mulheres que lutaram e lutam pelo fim dos preconceitos.

O mercado de trabalho ainda não valoriza a mulher de forma leal, pois ainda podemos nos deparar com situações que homens ainda ganham mais que as mulheres. Mesmo com tal desigualdade a mulher conquistou vários espaços no mercado de trabalho, e mostra que sua capacidade para atuar seja qualquer função no trabalho é exercida com tal habilidade.

A participação da mulher no mercado de trabalho vem carregada de mudanças nas ocupações, isto também foi um marco na sua história, pois a maioria dos estudos na área verifica que a mulher no mercado de trabalho aumenta em quantidade, mas também muda de qualidade de ocupações, porque estão se inserindo em postos antigamente somente masculinos.

O trabalho mostrou o avanço da mulher perante a sociedade, em foco no mercado de trabalho, mas não podemos deixar de reforçar que ainda há muito trabalho para realizar, como por exemplo, a luta pela desigualdade salarial.

As mulheres são discriminadas no trabalho quando, apesar de igualmente qualificadas, recebem pagamento inferior no desempenho da mesma função ou recebem salários menores porque têm acesso às ocupações pior remuneradas.

Mas em relação à sociedade pode se verificar que o avanço aconteceu, mas que ainda deverá ser mais trabalhada, pois ainda podemos notar preconceitos, a luta continua, e a cada dia será conquistado mais uma vitória, até que a sociedade compreenda que ambos os sexos são iguais e que a desigualdade não deve ocorrer em relação a homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **A mulher na história da mulher**. Fundação Astrojildo Pereira, 2004.

ÁLVAREZ, Sonia E. **Feminismo en América Latina: de Bogotá a San Bernardo**. In. LEON, Magdalena (Org.). *Mujeres y participación política. Avances y desafíos en América Latina*. Bogotá: Tercer Mundo, 1994.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

AZEVEDO, Luiz Carlos de. **Estudo histórico sobre a condição jurídica da mulher no direito luso - brasileiro desde os anos mil até o terceiro milênio**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

ALENCAR, Ana Valderes A. N. de. **A mulher e as leis do trabalho**. Brasília: Fundação Projeto Rondon, 1988.

BATISTA, João, Jr. **De batom, esmalte e megahair, mulheres renovam a construção civil**. Revista Veja 15 de Junho de 2012.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4^o Ed. São Paulo: Difusão Européia dos Livros, 1970.

BRASIL. **Código Civil. Organização dos textos, notas remissivas e índices por BRASIL**. Constituição (1.988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1.988.

EGGERT, Edla. **Doméstico: Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos**. IN: *À flor da Pele Ensaios sobre gênero e corporeidade*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade e do Estado**. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ENGELS, Friedrich; Lenin, VLADMIR, MARX, KARL. **Sobre a mulher**, São Paulo: Global, 1980.

Entrevista com a Diretora de Gás e Energia da Petrobrás - Graça Foster. Disponível em <http://www.prograd.uff.br/exalunos/entrevista-com-diretora-de-g%C3%A1s-e-energia-da-petrobr%C3%A1s-gra%C3%A7a-foster> (Acesso em 02/06/2013)

FORTES, Jessica. **Mulheres conquistam espaço na construção Civil**. Fortaleza, 07 de Março de 2013. Disponível em:

< <http://www.oestadoce.com.br/noticia/mulheres-conquistam-espaco-na-construcao-civil>>. Acesso em (02/06/2013)

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo: Cortez editora, 1989. Biblioteca da educação. Série 3; mulher tempo, v. 1.

GIMENEZ, Gabriela. **Filhos? Não Obrigada**. Revista Veja. São Paulo, 25 de Maio de 2013,p.115,117,118.

GOMES, A.F. **O outro no trabalho: mulher e gestão**. Disponível em:

<<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/313.pdf>>. (Acesso em 25/05/2013)

HAHNER, J. E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MACHADO, Ana Flavia, Oliveira, Ana Maria H.C; Waynman, Simone. **Sexo Frágil? Evidências sobre a mulher no mercado trabalho brasileiro**. São Paulo: GELRE coletânea. Agosto/2005. Disponível em: <[HTTP://WWW.gebel.com.br/coletania.s.w.f](http://WWW.gebel.com.br/coletania.s.w.f)> (Acesso 12/02/2013)

MACIEL, Eliane C. B. de Almeida. **A Igualdade entre os Sexos na Constituição de 1988**. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/conleg/artigos/especiais/AlgualdadeEntreosSexos.pdf>>. (Acesso em 25/05/2013).

MOACYR, Primitivo. A Instrução e as Províncias: **Subsídios para a história de Educação no Brasil 1834-1889**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (v. III).

MULHERES têm que seguir código rígido. O Globo, Rio de Janeiro, 31 jan. 1993. 1 caderno, p. 40.

Mulher 360. Luiza Trajano alcançou o impossível. Disponível em: <<http://movimentomulher360.com.br/2012/11/luiza-trajano-alcancou-o-impossivel/>> (Acesso em 02/06/2013)

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. 4.ed.São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDEIROS, I.Y. **Amamentação em mulheres que trabalham: o não trabalho no Trabalho**, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-05052008-195957/>> (Acesso em 25/05/2013)

PIERUCCI, Flávio. **A Magia**. São Paulo: Publifolha, 2001. **Participação das Mulheres na Política Brasileira**. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/pesquisa/mulheres_politica.htm> (Acesso em 25/05/2013).

PORTELA. Lincoln. **PSL-MG, na Sessão de 02**, Minas Gerais, 2000.

PROBST, E.R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres educadas na colônia**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79 – 94.

SHIINYASHIKI, Roberto. **A Mulher e o Mercado de Trabalho**. Disponível em: <http://www.shinyashiki.com.br/roberto/web1/destaque_roberto.jsp?ModId=152&CId=487> (Acesso em 25/05/2013)

SINAERJ. **A mulher administradora e o mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.administradores.org.br/recursos/imprimir.php?set=INFORMATIVOS&id=456&palavra_selecionada=mulher> (Acesso em 02/06/2013)

SINFRECAR. **Mulheres na direção**. Disponível em: <<http://www.sinfrecar.org.br/portal/?p=2592>> (Acesso em 02/06/2013).

TOLEDO, José Roberto. **Mulheres e discriminação salarial**. Disponível em
< <http://blogueirasfeministas.com/2011/05/mulheres-salario/>> (Acesso em
02/07/2013)

VIANA, CLAUDIA & RIDENTI, Sandra. “**Relações de Gênero e a Escola: das diferenças ao preconceito**”. In: Aquino, Julio Gropa (Org). **Diferenças e Preconceitos na Escola: alternativas teóricas e praticas**. São Paulo: Summus, 1998.

WEBER, Max. **Ensaio sobre sociologia da religião**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983. Vol1.

YUSSEF, Said Cahali. 2ª ed. São Paulo: RT, 1.999.